



Acessibilidade no Ensino Superior: As Mídias Eletrônicas como Ferramentas para o Ensino Qualificado de Deficientes¹

Roberta Roos Thier²

Universidade Federal do Pampa - Campus São Borja, RS

RESUMO

Formas diferentes de ensinar existem, porque há sujeitos com capacidades diferentes e com o mesmo direito de aprender. Sob essa realidade, alternativas pedagógicas estão sendo ignoradas, prejudicando o desempenho de alunos com deficiência. Este artigo apresenta os meios de comunicação como alternativas para a introdução de novas tecnologias no espaço acadêmico auxiliando no desempenho e aprendizado de alunos cegos ou surdos.

PALAVRAS-CHAVE: televisão, rádio, deficiência, ensino superior.

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: A BUSCA PELA FORMAÇÃO INTEGRAL DO INDIVÍDUO

O mundo do jornalismo, segundo Moraes (2004), passa a ser o mundo do imediatismo, do instantâneo. Além disso, a informação torna-se cada dia mais gratuita, o que consumimos através de firmas midiáticas são aparentemente fornecidas de graça, sobre isso Moraes diz que “quando ouvimos rádio, quando vemos televisão, a informação é gratuita. Quando lemos a imprensa, pagamos, porém é um pagamento simbólico, que não cobre sequer o preço do peso em papel do jornal. Por quê? Porque quem paga a informação na realidade é a publicidade”. (2004, p. 247)

Os meios, na visão de McLuhan (1964), foram inventados para ampliar a força e o alcance da capacidade humana de emitir mensagens, e são classificados por ele como

¹ Trabalho a ser apresentado na Divisão Temática: Interfaces Comunicacionais (DT 06) do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Professora Mestre da Universidade Federal do Pampa nos cursos de Comunicação Social. Pesquisadora do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo – GIPTELE. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo e Radialismo e Televisão. Email: robertathier@unipampa.edu.br



extensões do homem. Além disso, as pessoas esperam receber comunicação e participar dela. Há o desejo de exteriorizar idéias e emoções, vinculando-se a relações afetivas.

De acordo com Berlo, a comunicação da fonte procura mudar o comportamento de quem recebe a mensagem, a fim de que este aprenda. A comunicação acontece para que os receptores respondam de formas diferentes a velhos estímulos, ou respondam de velhas formas a estímulos diferentes. Assim explica esse autor: “O modelo Fonte-Mensagem-Canal-Receptor, do processo de comunicação, destaca a importância da compreensão plena do comportamento humano como pré-requisito para a análise da comunicação” (1997, p.79).

A amplitude e a qualidade de uma resposta, segundo Wolf (1995), são decisivas diante do contexto em que se verifica o estímulo e das experiências anteriores dos sujeitos. O sentido, não é apenas elaborado e transmitido, precisa ser produzido, pois tão importante quanto captar a recepção, conforme Dalmonte (2002), é entrar no mundo desse receptor e descobrir as respostas dos significados construídos por ele mesmo. O domínio do emissor sobre o receptor aponta uma relação básica de poder, sugerindo, de acordo com Sousa (1995), uma associação evidente entre receptor e passividade.

A cultura, entretanto, torna-se presente nas discussões sobre recepção, como instância do cotidiano que influencia as relações sociais, podendo estender-se até mesmo para outras áreas do conhecimento.

Aparecem, no entanto, novos modos de compreender o lugar do receptor / sujeito no estudo da comunicação, onde emissor e receptor não estão apenas situados em relação a um meio, mas principalmente relacionados com problemas e necessidades. O receptor passa a ser encarado como um agente ativo no processo da comunicação, além de ser um agente social é também um construtor de significados, que se porta de forma crítica diante das mensagens, ampliando-se, assim, o poder de escolha e decisão.

Segundo Jacks e Franke (2007), o receptor não mais apenas recebe o significado da mensagem, mas diante de diversas circunstâncias negocia o conteúdo recebido. Para eles, o entendimento da recepção passa a depender de fatores particulares de cada pessoa, o que resulta em uma recepção única, pois o receptor receberá a informação com base nas próprias experiências. Assim, um mesmo produto pode ser recebido de formas diferentes, através do ambiente onde o receptor está inserido. O estudo da recepção, nesse sentido, pretende recuperar a iniciativa e criatividade dos sujeitos e do seu dia-a-dia, estimulando a produção de sentido diante da relação com os meios. Para Martín- Barbero, o poder



atribuído ao consumidor é, em grande parte, falso, pois, “acredita-se que é ele quem decide o que vê, o que lê, o que escuta. Não importaria muito se os programas são de boa ou má qualidade; cada leitor faz a sua leitura. De um lixo, poder-se-ia fazer uma leitura profunda e preciosa.” (1995, p. 54). É preciso, de acordo com o autor, estudar não o que os meios fazem com as pessoas, mas o que elas fazem com a leitura dos meios. O estudo da recepção sugere um modo de interagir com a sociedade e não apenas com as mensagens enviadas.

O processo de comunicação não é mais visto como propunham as teorias funcionalistas e críticas, faz parte de um processo complexo, mais amplo, onde existe expressão de sentido tanto dos emissores quanto dos receptores. O modelo mecanicista, no qual comunicar se limita a fazer chegar uma informação pronta de um ponto a outro, reduz a recepção a um pólo apenas de chegada, limitando, segundo Martín-Barbero (1995) o sentido das práticas na vida das pessoas ao significado que veicula a mensagem.

Estes significados no processo de recepção acontecem, portanto, mediante uma negociação e não mais é definido apenas pelos interesses do emissor. Através da realidade cotidiana do receptor é que se revelam as mediações culturais e se compreende o processo de comunicação. Nesse sentido, a recepção negocia os significados, traduzindo as mensagens dos meios para a própria realidade, como define Silva Neto, citado no texto de Jacks e Franke (2007), os receptores participam da escuta cada um à sua maneira e a forma como recebem varia de uma pessoa para outra na construção do sentido, que será interpretado e modificado no processo de comunicação. Assim, não há um significado final ou uma captura completa da mensagem pelo receptor, pois a cultura como mediação, torna-se um agente determinante no contexto de recepção.

O mundo contemporâneo inserido na teia multimídia por onde convivem todos os indivíduos que desejam pertencer a um grupo social, precisa estar em constante atualização em relação à informação, entretenimento, lazer e cultura através de diferentes suportes. Grande parte desses textos/discursos são acessíveis apenas para as pessoas que dispõem dos sentidos perfeitos. Aqueles que não conseguem usufruir destes benefícios em virtude de uma demanda econômica ou física, como é o caso, por exemplo, dos cegos e dos surdos que ficam em algumas ocasiões, defasados, quanto à renovação cotidiana, intelectual e profissional. A exclusão, nesse sentido, abrange a vida em sociedade, pois esses possuem acesso apenas ao mínimo de informação.



Questões como estas se ampliam quando nos referimos ao ensino superior e ao acesso das pessoas com deficiência, ou melhor, a permanência delas devido as suas condições de acompanhamento. Dentro da perspectiva de que as instituições de ensino precisam atender as diferentes capacidades, oferecendo condições de aprendizagem para todos os estudantes propõem-se a análise dessa situação cada vez mais recorrente em universidades. Quando o professor do ensino superior se depara com a situação de dividir a sala de aula com estudantes que possuem todos os sentidos e com um ou mais alunos com algum tipo de deficiência, os conceitos mudam e precisam ser reestruturados para que ocorra um aprendizado significativo.

O RÁDIO COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL

A acessibilidade do rádio torna-o popular, atingindo um público bastante diversificado. “Os códigos utilizados são acessíveis a todos os grupos culturais que compõe a audiência, trabalhando com um vocabulário coloquial que não exige um conhecimento especializado para a decodificação” (FRIDERICHS, 2002, p.51). Isso influenciou diretamente a história de uso desse veículo. Considere-se, a esse respeito, que as mais diversas formas organizativas da sociedade sempre puderam expandir suas idéias, veiculando-as no rádio; artistas, políticos, religiosos melhor fizeram sua imagem através da comunicação de suas obras pelo rádio; governo e instituições voltadas ao ensino cumpriram papéis educacionais por meio de programas educativos do rádio.

Segundo Litwin (1997), foi a partir dos anos 70 que a introdução da tecnologia educacional em programas se implantou na América Latina, estabelecendo, assim, propostas tecnocráticas para enfrentar problemas educacionais e sociais.

Cada meio atua com uma linguagem própria e de forma específica sobre quem recebe, produzindo, por isso, um efeito próprio e um comportamento específico. O rádio, como os demais meios de comunicação social, admitiu para si mesmo uma inovação na formação das pessoas. Pressupõe-se que o contexto externo à universidade, aberto a todas as formas de imprensa e tecnologia, é formativo e, muitas vezes, mais eficiente na formação das pessoas.

Convém recordar que os artefatos ou os aparelhos são apenas a parte física aparente do rádio. No todo, ele é uma síntese de conhecimentos técnico-científicos e um resultado da aplicação de inovações tecnológicas. Como instrumento, está à espera do agir do ser



humano. Sendo assim, o professor pode fazer a transposição desse recurso para ampliar a perspectiva didática de suas aulas, conferindo um significado ao aparelho desde a sua intenção com os conteúdos destinados aos educandos. Assim, vão se configurando formas de utilização do rádio como recurso metodológico focado na formação do professor e na proposta curricular da escola, o que amplia o uso do rádio, ao mesmo tempo em que se cumprem os fins da educação no contexto sócio-histórico que lhe confere significado.

Os conteúdos e as formas de apresentação precisam atrair a atenção do ouvinte, a ponto de não permitir que haja distrações. Para isso, é preciso que exista a união entre o conteúdo da mensagem transmitida e da voz que a expressa. Sobre isso, Litwin destaca que “tecnologia, conteúdos, objetivos, linguagens, teoria de ensino e de aprendizagem, teoria da comunicação e da literatura colaboram em diferentes níveis na construção da proposta educativa por rádio”. (1997, p. 54).

O uso do rádio na sala de aula pode parecer ultrapassado frente aos avanços tecnológicos que trouxeram o computador e com ele a internet. Mas, mesmo assim, o rádio não perdeu espaço por facilitar a prática do professor e ser capaz de construir de forma simples um processo educativo a partir do lugar cultural e social que se encontra os alunos. Soares propõe que “a liberdade e a criatividade com seus promotores implementam atividades essencialmente participativas, garantindo aos favorecidos não só o acesso, mas, sobretudo, o uso democrático dos recursos tecnológicos.” (2006, p. 45)

No Brasil, são muitas as experiências que utilizam o rádio na educação. Por exemplo, o projeto Educom.rádio, desenvolvido por Campos, Leão, Deppe et al (2005), o trabalho desenvolvido por Acioli (2003), na Fundação Casa Grande na cidade de Nova Olinda, no Ceará; o trabalho de Teixeira (2004), dentre muitos outros. Dessa forma, quando se pensa em uma educação renovada e próxima da realidade de educandos e educadores, uma opção continua sendo ainda o velho rádio. Segundo Soares (2006), essa é uma lição que deve ser refletida e transformada em novas experiências. As ações educativas desenvolvidas pelas escolas trazem consigo teorias e didáticas diversas, gestadas em diferentes realidades, muitas das quais resistem ao tempo e às mudanças sociais, gerando práticas pedagógicas descontextualizadas.

O conhecimento que se construiu sobre o rádio como suporte de texto e como recurso didático permite refletir sobre as dimensões da formação audiovisual como linguagem específica. Sobre isso, Ferres afirma que, "de nada serve a qualidade intrínseca



de um recurso formal se não estiver interagindo adequadamente, se não houver na mensagem um bom processamento paralelo, se não provocar no receptor uma experiência unificada" (1998, p. 131).

Tendo em vista que o rádio é um elemento do capital cultural da sociedade que, pelas suas características, possibilita criar opiniões e desenvolver o pensamento reflexivo, crítico e criativo, entende-se que este é uma ferramenta importante e de fácil acesso que pode ser inserida no contexto de ação do ensino superior.

ACESSIBILIDADE E TELEVISÃO

Antes de se relatar as principais dificuldades da acessibilidade nos meios de comunicação, incluindo a televisão, é necessário conceituar a acessibilidade sob seus aspectos. A acessibilidade é considerada para a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) através da normativa 1.599, como a possibilidade de todas as pessoas inclusive as com deficiência de acessarem e alcançarem com segurança produtos, serviços, meios arquitetônicos e informacionais.

Na televisão, os canais abertos, os quais a maioria da população assiste, não possuem nenhum símbolo caracterizando a acessibilidade de deficientes, ou seja, a televisão brasileira não oferece áudio-descrição aos cegos, nem legendagem ou linguagem de sinais para surdos na programação, a não ser alguns casos, como campanhas eleitorais e pronunciamentos presidenciais.

Dessa forma, os deficientes auditivos e visuais precisam se adaptar aos meios de comunicação para ter acesso aos seus conteúdos, pois sem o recurso da áudio-descrição ou linguagem de sinais as pessoas com deficiência têm maior dificuldade em compreender filmes, propagandas ou programas. Diante disso destaca-se que,

En La historia de La comunicación, siempre se ha prestado más atención al emisor y al mensaje que al receptor. [...] Dos fenómenos recientes han modificado sin embargo este estado de cosas: por un lado, La multiplicación de las técnicas ha ampliado substancialmente las capacidades de La oferta; por el otro lado, el crecimiento del mercado de la comunicación está obligando una racionalización de las relaciones entre la oferta y la demanda. La oferta no deja de crecer, distribuida en soportes cada vez más numerosos e diferenciados, pero los costos realmente elevados obligan a un buen conocimiento de los gustos potenciales del público. (WOLTON apud DAYAN, 1997, p. 09).



O que se torna mais evidente a partir das afirmações do autor, é a evolução da televisão enquanto meio audiovisual, no campo tecnológico, que permite ao público visualizar imagens, obter informações distintas, de maneira cada vez mais qualificada e rápida. Entretanto, ao mesmo tempo em que a televisão evolui, transmitindo ao público som e imagem, proporcionam a sensação ao telespectador de estar junto ao fato, acompanhando os detalhes transmitidos. Barbeiro e Rey (2004) reforçam o pensamento de que a televisão é o meio de comunicação que irá impor da maneira mais desordenada possível a ideia e o limite no campo da cultura dos indivíduos, pois ela produz uma programação vasta, capaz de atingir o conhecimento, a informação, a ficção, o entretenimento. Esse acercamento dos vários sentidos inerentes a televisão, propiciam uma percepção mais apurada do espaço e do tempo, através da ficção e da realidade, que muitas vezes estão lado a lado. Historicamente, a televisão, se encontra como mídia excludente, contudo capaz de incluir e ampliar a visão de mundo e de sociedade dos indivíduos, bem como restringir, ou publicizar algum produto, ou meio, como declaram ainda Barbeiro e Rey:

Amplia-se o público, ao fazer visíveis preocupações de atores que, de outro modo, não se notariam, ao estender os limites do reconhecimento dos ‘outros’, ao qualificar compreensões que os cidadãos têm de seus problemas ou das orientações das decisões de seus governantes. Restringe-se, ao distorcer a informação, ao banalizar os processos, ao tirar a densidade da complexidade do social...” (2004, p.86-87).

Diante disso, compreende-se que a televisão amplia alguns setores do conhecimento humano, todavia restringe-os ao impor opiniões, posições ou até mesmo juízos de valor, quando se dá visibilidade a uma imagem e se obscurecem outras. Logo, esse princípio se torna mais problemático para pessoas que possuem uma deficiência visual parcial, ou grave, pois é necessário abstrair o desconhecido, quando a cegueira é de nascença, pela razão de que cada imagem em movimento e cada informação representam sensações e juízos de valor diferenciados a cada ser humano, bem como a melhor compreensão do que está sendo mostrado, além da promoção da inclusão dos deficientes é preciso que concomitante a inovação tecnológica advinda da TV digital, esteja incluída e aplicada a áudio-descrição.

A única alternativa para os deficientes visuais conhecerem as imagens em filmes, telejornais, cinemas ou até mesmo no teatro é a partir da áudio-descrição, que



informalmente ocorre muitas vezes entre o cego e algum familiar, que descreve expressões faciais e ambientes apresentados. Na televisão, o sistema foi desenvolvido em seu princípio por Margaret Pfanstiehl, consistia em transmitir a áudio-descrição a partir da abertura de um segundo canal de som, que se encontra à disposição nos televisores estéreo. No momento silencioso de um filme, reportagem ou documentário entra em cena o áudio-descritor, com a missão de fazer ser compreendido através da audição tudo aquilo que não pode ser visto pelo deficiente visual. Para Smith (2008), esse recurso já começa a ficar mais acessível aos deficientes, tendo em vista que atualmente vários aparelhos de televisão dispõem desse recurso; os aparelhos que possuem tecla SAP (programa secundário de áudio), podem obter a áudio-descrição apenas quando é oferecida pelos veículos de comunicação, ou seja, se a tecla SAP for ativada e a rede de televisão não disponibilizar o recurso, não haverá nenhuma mudança após a ativação do sistema.

Conforme o Decreto Federal 5.296 devem ser suprimidas todas as barreiras que dificultam ou impossibilitam o acesso aos meios de comunicação, independente de abrangência. O decreto de 2004 regulamenta a utilização de voz para a descrição de imagens e cenas no parágrafo III do artigo 53, porém o recurso ainda não é oferecido, devido a diversas liminares pedidas pelos meios de comunicação, que alegam ser de alto custo a implantação desse serviço.

Esses impedimentos quanto ao acesso de deficientes a conteúdos imagéticos ou sonoros que privam os indivíduos de adquirem aprendizagem qualificada, também estão presentes no ensino superior. Há necessidade de atender as diferentes capacidades independente do curso ou disciplina. Os conteúdos precisam ser absorvidos por todos os estudantes. Portanto, as formas de escolha para o ensino precisam ser avaliadas na tentativa de eliminar barreiras que impeçam o acesso das pessoas com deficiência aos conteúdos acadêmicos, seja através da descrição das imagens aos cegos ou da ilustração dos diálogos aos surdos. Muitas vezes, a forma mais acessível de apresentar os conteúdos a pessoas com deficiência é muito simples, basta perguntar a eles a maneira que facilitará o processo de absorção. Compreender e acessar qualquer tipo de informação, este é um direito de todos que precisa ser respeitado.

A TAREFA É: COMUNICAR OU EDUCAR?



Qualquer concepção de alfabetização midiática exige interpretação, saber acessar e avaliar os conteúdos, o que envolve a compreensão das variáveis de produção que existem em cada veículo. Sendo, também, capaz de manipular de forma eficiente estas variáveis, e “compreendendo as forças culturais e institucionais que tendem encorajar alguns usos gramaticais em vez de outros, reconhecendo que as respostas às variáveis de produção podem variar individualmente e culturalmente” (MEYROWITZ, 2001, p. 91). Expostos à alfabetização midiática, as pessoas reagem de forma diferente a estímulos, dependendo de como são mostrados, a percepção do público sobre lugares, eventos pode ser também influenciada. Para Meyrowitz, o conteúdo e a gramática têm efeitos opostos diante da consciência da audiência, segundo ele, “quanto mais efetivos forem os conteúdos midiáticos, mais consciente estará a audiência dos mesmos e mais sobre eles refletirá. Quanto mais efetivos forem os elementos gramaticais dos media, menos consciente dos mesmos estará um membro da audiência”. (2001, p. 94)

No entanto, a consciência sobre a alfabetização midiática é uma forma de promover habilidades e fazer com que os cidadãos participem mais dessa sociedade que está preenchida pela mídia. Diante disso, fica clara a importância do papel consciente do professor ao dirigir-se para um aluno inserido socialmente nas novas tecnologias. Acredita-se que a formação de cidadãos mais autônomos e participativos pode ser atribuída às diversas possibilidades que o rádio oferece ao trabalho pedagógico.

O compromisso de trabalhar com as diferentes capacidades aumenta ainda mais a responsabilidade de professores nas universidades quando é preciso preparar os estudantes para o mercado de trabalho. Diante disso, as formas de apresentação de conteúdos precisam atender as diferentes capacidades. Isso é possível com o suporte dos meios de comunicação, que podem reforçar o conteúdo visual através das imagens para os surdos e descrever conteúdos, reforçando a mensagem através do rádio para os cegos.

O trabalho dos professores é uma das partes específicas da prática educativa que ocorre com maior amplitude na sociedade. Por isso, o ensino não pode ser tratado como uma atividade restrita à sala de aula. O funcionamento da sociedade depende da educação, ou seja, da prática educativa e “cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepara-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social.” (LIBÂNEO, 1994, p. 17).



No contexto atual, receptivos às novas tecnologias, educadores e educandos precisam ampliar seu horizonte intelectual e desenvolver habilidades cada vez mais complexas para agir de forma conseqüente no ambiente em que vivem. Sobre isso, afirma McLuhan: “quando a tecnologia estende ou prolonga um de nossos sentidos, a cultura sofre uma transposição tão rápida quanto rápido for o processo de interiorização da nova tecnologia” (1972, p.70).

Acredita-se que, para realizar um processo educacional, já não basta dominar a língua oral e escrita. É preciso alfabetizar-se nas linguagens tecnológicas, capacitando-se para não ser um mero consumidor de informações, mas um crítico, alguém que sabe valorar os suportes do conhecimento para, então, selecionar e contextualizar os saberes veiculados, dando-lhes sentido e transformando-os em saberes pessoal, social e profissional. As tecnologias da informação podem dar um novo impulso ao ensino, auxiliando a atividade dos professores ao estimular o desenvolvimento de competências e capacidades. Mas podem funcionar também como uma fonte de frustração na atual estrutura organizacional da educação, classificada por Delors (2005) como bastante estreita e rígida.

O aumento da motivação dos alunos é comprovado através de pesquisas sobre a utilização de técnicas multimídias. Uma das condições, portanto, para integrar-se ao mundo contemporâneo é utilizar e entender as tecnologias da comunicação e da informação, em todos os aspectos de desenvolvimento do aluno. As contribuições de Wallon (1979), nesse sentido, são importantes para os professores, uma vez que estes são pessoas completas, afetivas, dotadas de cognição e movimento, estabelecendo uma relação pedagógica com os alunos possuidores das mesmas características. Assim, os docentes tornam-se componentes essenciais do meio do aluno.

É importante, também, referir-se à ideia de Wallon (1975) sobre a formação psicológica dos professores, a qual, segundo ele, não pode limitar-se aos livros, deve ter referência permanente nas experiências pedagógicas que eles mesmos realizam.

Como já fazem parte do ambiente de socialização dos alunos e dos professores, estes necessitam conhecer os materiais e meios para utilizá-los como recurso didático, criando, dessa forma, bons e diferentes ambientes de aprendizagem, nos quais os aprendizes venham a se qualificar para intervir no mundo.



Ainda sobre a influência da emoção no processo educativo, seguindo as ideias de Wallon (1975), entende-se que a primeira fase da comunicação do indivíduo com o mundo é a emoção. Dessa emoção, deriva a afetividade, uma das características mais importantes do ser humano, para a qual deve-se atribuir a devida atenção, especialmente no trabalho educativo a ser desenvolvido com alunos com necessidades educativas especiais. De fato, o ser humano aprende mais quando se encontra em estado de emoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das condições, portanto, para integrar-se ao mundo contemporâneo é utilizar e entender as tecnologias da comunicação e da informação, em todos os aspectos de desenvolvimento. A socialização de conhecimentos gera um vínculo entre professor e aluno, ainda mais quando o conteúdo consegue ser trabalhado de forma diferente, atraindo a atenção e conseguindo maiores resultados no aprendizado. O rádio, a televisão são ferramentas comunicacionais capazes de inserir os alunos no contexto social concentrando a atenção e produzindo qualidade de ensino.

O uso de métodos alternativos em sala de aula preserva a autonomia do professor e a profissionalização da tarefa de educar. O docente, ao integrar-se com a inovação dos processos de aprendizagem, especialmente aqui falando do rádio e da televisão, passa a qualificar-se frente à educação.

As estratégias inclusivas em sala de aula devem ser construídas a partir da adoção de novas linguagens pelos docentes que levem em conta os fatores de sociabilidade do aluno para que eles se sintam atraídos pelo ensino, sendo capazes de aprender e refletir sobre o que está sendo ensinado. Garantir a acessibilidade não diz respeito somente a possibilidade de pessoas com deficiência acessarem locais considerados históricos, significa ter condições de transitar por estes lugares, bem como usufruir da cultura oferecida. Sendo assim, o diálogo entre professor-aluno juntamente com as ações dos governos vigentes no país torna possível a implantação da educação inclusiva nas escolas sem entraves nem obstáculos para que se possa receber alunos com quaisquer deficiências.



REFERÊNCIAS

- BERLO, David K. **O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática**. 8.ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.
- DALMONTE, Edson F. **Estudos Culturais em Comunicação: da tradição britânica à contribuição latino-americana**. In: Idade Mídia. São Paulo, ano 1, v.1, n. 2, nov. 2002. Disponível em: http://www.fiamfaam.br/comunicacao/projetos/inovacoes/idademidia/pdfs/art_067-090_im2.pdf
- DAYAN, Daniel (comp.) **En Busca del Publico, recepción, televisión, médicos**. Editorial Gedisa S.A Barcelona, España, 1997.
- FERRES, Joan. Pedagogia dos meios audiovisuais. In: SANCHO, Juana M. (Org.). **Para uma nova tecnologia educacional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p.127-155.
- FRIDERICHS, Bibiana de Paula. **A comunicação popular no rádio comercial**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2002.
- HANCOCK, A. A educação e as novas tecnologias da informação e da comunicação. In: DELORS, J. (Org) **A educação para o século XXI: questões e perspectivas**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 222 - 235.
- JACKS, Nilda; FRANKE, Felipe Schroeder. **Recepção radiofônica: análise da produção acadêmica na década de 90**. Intercom – *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v.29., n.1, p. 85-105, jan./jun. 2006. Acesso em: 20 de março, 2007
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor)
- LITWIN, Edith. **Tecnologia educacional: políticas, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús e REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. Tradução de Jacob Gorender. 2ª edição. Editora Senac São Paulo - SP, 2004.
- MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.
- MEYROWITZ, Joshua. **As múltiplas alfabetizações midiáticas**. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, n.15, p.88 – 100, ago.2001.
- MORAES, Denis de. **Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SMITH, Deborah Deustsch. **Introdução à Educação Especial: ensinar em tempos de inclusão**. Trad. Sandra Moreira de Carvalho. 5ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.



SOARES, Ismar de Oliveira. **Rádio na Escola: a palavra viva.** *Carta Capital na Escola*. São Paulo: Edição nº 9, p. 44-47, setembro, 2006.

SOUSA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Estampa, 1975.

_____. **Do acto ao pensamento.** Lisboa: Moraes, 1979.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 4.ed. Lisboa: Presença, 1995.